

## Sentidos da educação atribuídos pelos egressos do PROEJA no Paraná<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo trata de uma pesquisa realizada com alunos egressos das primeiras turmas concluídas do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. A pesquisa buscou compreender quais sentidos e significados foram atribuídos pelos egressos aos cursos e em que medida esse Programa configurou a formação profissional e elevação da escolaridade dos trabalhadores jovens e adultos. Foram realizadas entrevistas com alunos egressos de doze cursos técnicos do PROEJA implantados em onze escolas da Rede Estadual de educação, situadas em nove municípios do Paraná. As análises foram realizadas em uma aproximação com a teoria de pesquisa proposta por Pierre Bourdieu. A maioria dos egressos estava empregada com carteira assinada, com renda mensal em torno de um salário mínimo, atuando em ocupações variadas do setor de serviços e não na área do curso realizado, com exceção dos egressos do curso de Enfermagem, os quais estavam atuando como técnicos dessa área. A maioria não continuou os estudos em nível superior. Os sentidos que atribuem à formação estão relacionados à aquisição de capital cultural, valorização pessoal, sociabilização e pertencimento a uma situação que antes os excluía

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Formação Profissional. Sentidos da Educação.

**Céli Mariano Jorge**  
Universidade Federal do Paraná  
ceulimariano@gmail.com

---

<sup>1</sup> Instituição financiadora: CAPES.

## 1. Introdução

No presente trabalho, apresentamos os resultados de uma investigação cujo objeto compreende a formação profissional e escolarização no âmbito do Programa Nacional de Educação Profissional integrado à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA.

A reconstrução dos princípios e fundamentos da formação dos trabalhadores brasileiros teve seu marco com o Decreto nº 5.154/04, o qual trouxe a possibilidade da integração entre a formação para o trabalho e o Ensino Médio. Essa possibilidade foi estendida à modalidade de educação de jovens e adultos – EJA pelos Decretos nº 5.478/05 e nº 5.840/06, com o intuito de promover uma educação que integrasse a formação geral à profissional para os trabalhadores, com mais de 18 anos, que precisavam concluir o ensino médio e ao mesmo tempo qualificar-se para o trabalho (BRASIL, 2007).

Dessa forma, o PROEJA surgiu em um contexto de reestabelecimento de valores sociais e humanos, pela vontade e participação de vários segmentos da sociedade e do governo, com o objetivo de atender ao público jovem e adulto excluído dos saberes escolares em nível médio.

As possibilidades de formação e as contradições apresentadas pelo PROEJA foram discutidas em denso debate da academia, e em pesquisas<sup>2</sup> produzidas por estudantes de pós-graduação em várias universidades do país, inclusive no Paraná, o que conferiu grande visibilidade a esse Programa. As pesquisas realizadas nesse Estado, tanto na rede estadual quanto na rede federal de educação, apontaram problemas relacionados a não permanência dos alunos nos cursos, pouca procura pelas matrículas, dentre outras fragilidades (DAL MORO, 2012; YAMANOE, 2011; COLONTONIO, 2010; HOTS, 2010; CORSO, 2009; ALMEIDA, 2008).

Essas pesquisas foram realizadas com alunos e/ou professores durante o andamento dos cursos do PROEJA, fato que nos despertou o interesse em pesquisar esse tema tendo como foco os alunos egressos desses cursos.

---

<sup>2</sup> Convênio assinado em 2006 entre a Secretaria de Educação Tecnológica (SETEC) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Nessa perspectiva, estabelecemos a seguinte problemática: Em que medida esse Programa configurou-se como uma política de formação profissional e elevação da escolaridade dos trabalhadores jovens e adultos?

Nossa opção teórico-metodológica buscou uma aproximação com a teoria desenvolvida por Pierre Bourdieu, mais especificamente a que foi descrita por ele e sua equipe no livro “Miséria do Mundo” (BOURDIEU, 1993). Nessa obra, o autor se afasta da sociologia tradicional e “aposta numa epistemologia que representa uma nova maneira de abordar a práxis social, incorporando com mais profundidade as experiências cotidianas das pessoas” (MONTAGNER, 2009, p. 257).

Nessa perspectiva, foram realizadas entrevistas, organizadas a partir de um roteiro, com o intuito de levar o entrevistado a uma reflexão sobre aquilo que se desejava saber dele, chegando-se o mais próximo possível dos fatos reais do contexto por ele vivenciado. Tal recurso consistiu em um processo de ouvir e estimular o relato do entrevistado, ou seja, uma “escuta ativa e metódica”, conforme denomina Bourdieu (1993, p. 695). Ao levar o entrevistado a uma autoanálise sobre os fatos que envolveram a sua vida, torna-se possível uma compreensão mais clara do processo por ele vivenciado.

Os dados aqui analisados e apresentados decorrem da nossa pesquisa, em nível de doutorado, realizada com 85 alunos egressos de doze cursos técnicos das primeiras turmas concluídas do PROEJA na rede estadual de educação do Paraná. Foram pesquisadas onze escolas, situadas em nove municípios do Estado, durante o primeiro semestre de 2012, quando os egressos já estavam com mais de um ano da conclusão dos cursos, espaço de tempo que consideramos necessário tendo em vista o objetivo da pesquisa.

Nesse artigo o desenvolvimento do tema é apresentado de acordo com as categorias estabelecidas, a saber: perfil sociodemográfico; trajetórias de estudo e continuidade após o PROEJA; situação de emprego. A partir dessas categorias buscamos compreender os sentidos que foram atribuídos pelos alunos à formação realizada.

## 2. O perfil sociodemográfico dos egressos do PROEJA

Para estabelecer o perfil sociodemográfico dos egressos buscamos identificar os alunos que permaneceram nos cursos quanto à faixa etária e gênero e as possíveis interferências, decorrentes desses traços, na permanência desses alunos nos cursos.

Percebemos uma grande heterogeneidade entre os alunos egressos, fato que os diferencia em relação a vários aspectos, como aprendizagem, relacionamentos, gostos e, conseqüentemente, aos sentidos que atribuem à formação.

Porém, ao comparar a “faixa etária dos egressos entrevistados” e do “total de alunos que concluíram os cursos nessas escolas”, com a “faixa etária dos alunos matriculados no primeiro semestre”, podemos perceber que houve uma variação interessante. A faixa etária predominante do total de concluintes e dos egressos entrevistados ficou entre 32 e 41 anos, enquanto que a faixa etária dos alunos matriculados no primeiro semestre dos cursos foi de 22 a 31 anos.

Esse fato evidencia que embora as turmas tenham apresentado inicialmente um perfil mais jovem, isso foi alterado no decorrer do curso pela não permanência dos mais jovens. Portanto, os alunos que permaneceram no curso foram os de faixa etária mais elevada (aproximadamente dez anos a mais), o que alterou o perfil etário da turma.

Com relação a esse fato, é importante destacar que existe uma maior instabilidade ocasionada pela dificuldade de emprego entre os mais jovens, o que os leva a ocupar funções de subempregos e trabalhos temporários (POCHMANN, 2012), o que dificulta a permanência nos estudos e, em muitos casos, leva a não permanência na escola.

As mulheres foram predominantes entre os egressos dos cursos técnicos do PROEJA, numa proporção de 57 mulheres para 28 homens, embora tenha ocorrido variação dessa proporção entre os cursos. No curso de Eletromecânica, por exemplo, todos os entrevistados eram do sexo masculino, o mesmo sendo observado em relação ao curso de Logística. No caso do curso de Construção Civil, somente uma entrevistada era do sexo feminino. Por outro lado, nos cursos de Nutrição todas eram mulheres, e nos de Enfermagem, Secretariado e Agente Comunitário de Saúde foi encontrado somente

um representante do sexo masculino em cada curso. Nos demais cursos, a distribuição entre homens e mulheres foi mais proporcional.

A maior presença de mulheres ou de homens em determinados cursos é um reflexo cultural que está relacionado à própria divisão sexual do trabalho. Essa divisão atribui determinados papéis aos homens e mulheres nos processos de trabalho, destinando às mulheres os trabalhos considerados mais leves e com menor exigência intelectual e os homens àqueles que exigem maiores atributos e conhecimentos técnicos (HIRATA, 2002). Isso quer dizer que enquanto as áreas de trabalho intensivo, de atendimento e cuidados com a saúde, são reservadas às mulheres, aquelas caracterizadas por maior incremento tecnológico e científico, como nos cursos da área da indústria, são majoritariamente destinadas ao trabalho masculino.

Dessa forma, o perfil sociodemográfico que caracteriza os alunos egressos entrevistados na pesquisa é de maioria feminina, com faixa etária entre 32 a 41 anos. Portanto, são mães e esposas que retornam aos estudos na expectativa de encontrar, pela via do conhecimento, um melhor espaço no campo social e produtivo.

### 3. Trajetórias de estudos e continuidade após o PROEJA

Partimos do princípio que a construção de uma trajetória pode mostrar, para além da história vivida pelos sujeitos, as situações relacionais que se estabeleceram e as formas estruturais a que esses sujeitos foram subjugados. Nessa linha sequencial, colocam-se em evidência as estratégias buscadas para a mobilidade social e econômica e os papéis sociais definidos nos diferentes momentos da existência de cada um.

Considerando que uma vida não apresenta uma única linha de acontecimentos, mas uma teia de fatos que se inter cruzam, Bourdieu (1996, p. 189) constrói a sua noção de trajetória “como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço ele próprio um devir submetido a incessantes transformações”. Portanto, essa noção de trajetória possibilita que consideremos as inter-relações que existem entre os fatos passados, os fatos recentes e os determinantes estruturais que interferem nas situações de vida.

Ao falarem sobre o tempo de afastamento dos estudos, foi possível perceber que a maioria dos egressos estava entre 11 a 20 anos e mais de vinte anos afastados dos estudos. Percebemos, também, que a relação dos alunos com a escola não se deu a partir de uma única saída e retorno, mas por várias tentativas recorrentes que configuram seguidos fracassos e exclusão do sistema escolar. Isso fica evidente no relato de Rosalina, egressa do curso técnico em Meio Ambiente: “não foi por falta de vontade, mas sempre que começava a estudar, alguma coisa acontecia e tinha que parar”. Essa egressa justifica não ter concluído anteriormente a sua formação em nível médio, tendo em vista as dificuldades enfrentadas de conciliar estudo e trabalho, o que caracterizou a sua situação de exclusão escolar.

As trajetórias descritas pelos egressos do PROEJA retratam a relação conflituosa com a escola e a tentativa de conciliar o estudo e o trabalho desde muito cedo. Em entrevista realizada com Isabel, aluna egressa do curso técnico em Meio Ambiente, ela nos contou sobre o seu percurso de formação desde a infância, período que considerou “muito curto, mas agradável, apesar de tudo”. Para ela, ir à escola representava um dos poucos momentos de encontrar os amigos e brincar, pois ao voltar para casa tinha que realizar os intermináveis afazeres domésticos, repetidos diariamente, além dos cuidados com os irmãos mais novos.

Estudar em casa era difícil, mal conseguia fazer as tarefas. Digo mal, porque normalmente não sabia como resolver aqueles problemas, a gramática e os questionários, não adiantava perguntar para os meus pais, porque também não sabiam. O meu pai estudou um pouco, mas não chegou a concluir o primário, a vida no sítio era difícil, teve que trabalhar desde cedo. Minha mãe, nunca foi a escola. (Isabel – Curso Técnico em Meio Ambiente).

Contou-nos sobre as suas dificuldades na hora de realizar as tarefas da escola e da situação dos pais que pouco ou quase nada estudaram. Ela lembrou que o problema era no dia da prova, “aí não tinha como me disfarçar, sempre tirava notas baixas”, porém, o fato de ter bom comportamento a ajudou, conforme sua própria constatação: “acabaram me passando”.

Questões como esta evidenciam as mazelas dos alunos das classes menos favorecidas em um sistema de ensino que não considera as desigualdades cognitivas, os diferentes pontos de partida de cada um diante dos novos aprendizados. Tornam claro o estado de abandono em que esses alunos se encontram dentro da própria escola e a culpabilização que recebem por não apresentarem as condições ideais que deles se esperam. Para Bourdieu (1998, p. 55),

as famílias dos meios populares, por não apresentarem uma familiaridade com a linguagem e com a cultura da escola, mostram-se, muitas vezes, desprovidas de recursos capazes de possibilitar aos filhos melhores resultados escolares. Os filhos dos operários não podem adquirir, senão penosamente, o que os filhos das classes cultivadas herdaram naturalmente, como "o estilo, o bom gosto, o talento, em síntese, essas atitudes e aptidões que só parecem naturais e naturalmente exigíveis dos membros das classes cultivadas, porque constituem a 'cultura'[...] dessa classe".

À luz do pensamento desse autor, podemos entender que a herança social de Isabel lhe colocou numa posição de continuidade das condições dos seus pais. Ao mesmo tempo, estava em condições diferentes de outros colegas de classe, com pais que detinham maior estudo e melhores condições financeiras. Fato que lhe impunha a dura missão de tentar ultrapassar essas barreiras e continuar estudando ou então desistir da escola, o que fez por repetidas vezes.

Dentre os motivos apresentados para justificar a interrupção dos estudos, a maioria dos egressos citou o casamento e os filhos, colocando a constituição da família e filhos na fase escolar como o maior obstáculo à continuidade dos estudos. O segundo motivo mais citado foi a dificuldade em conciliar trabalho e escola.

Outros motivos da não permanência, como não gostar de estudar ou dificuldades de aprendizagem, também foram citados. Porém, não houve nenhuma responsabilização da escola sobre isso, o que demonstra que os alunos não culpam a escola por não gostarem de estudar ou pelas dificuldades em aprender, atribuindo a si próprios os motivos da não permanência. Nas palavras de Arroyo (2003, p. 2),

é facilmente verificável que a evasão escolar debita na conta do aluno a responsabilidade do fracasso. Este rótulo transfere para a esfera



individual e familiar a culpa da saída do aluno da escola e inocenta a própria escola. Dificilmente esses agentes falam em fracasso da escola.

Ao nos determos em outro fragmento do relato de Isabel podemos constatar as divergências estabelecidas com a escola em sua trajetória, e entender os motivos que a levaram a deixar os estudos, decisão esta tomada por seu pai e independentemente da sua vontade, pois não queria sair, apesar de não se sentir com direito à escola.

[...] Quando fui para o fundamental tudo piorou, eram vários professores e várias matérias, saía um entrava outro em seguida, tudo muito rápido não se tinha tempo para o entendimento de nada... Parecia que a escola não era mesmo para mim... Reprovei dois anos e meu pai achou melhor que eu saísse. Ficava agora só em casa, trabalhando. Tinha muitas saudades da escola, não que gostasse do estudo, isso não gostava mesmo... mas sentia falta de encontrar os colegas, conversar, ver os meninos... (Isabel – Meio Ambiente).

Conforme explica Lahire (2005), o êxito escolar ou o seu contrário podem ser explicados pelas experiências de socialização e suas decorrências nas trajetórias de estudo, as quais podem ser entendidas como mediadores sociais. No pensamento desse autor tais mediadores podem identificar os motivos pelos quais ocorreu o abandono e ainda o que levou o aluno a voltar aos estudos. No caso de Isabel, a experiência de socialização na escola representava o elo de ligação com as pessoas da sua idade, amizades e também a fuga dos trabalhos de casa. O fato de deixar os estudos, mesmo com o insucesso no aprendizado, significou a interrupção da infância e uma entrada brusca na vida adulta.

Na sequência do seu relato, contou-nos que logo em seguida ao seu afastamento da escola, apareceu uma oportunidade para trabalhar como doméstica na casa de uma vizinha; nessa época tinha 13 anos, “mas dava conta do trabalho”. Trabalhou em muitas outras casas, era sempre um trabalho “duro”, sem contar que algumas patroas a tratavam mal; nesse caso, saía do emprego, pois nunca aguentou maus tratos e queria ser respeitada. Em uma das casas que trabalhou, a patroa era professora e a incentivou a voltar a estudar no noturno. Assim, retornou à escola.



[...] Minha expectativa era grande quando cheguei, afinal voltava a estudar, agora com pessoas adultas, moças e rapazes, devia ser tudo diferente! Infelizmente não houve nenhuma diferença, vieram os mesmos problemas incompreensíveis para resolver, a mesma gramática absurda e os questionários com mais de 20 perguntas, sem falar nas provas... A diferença ficava no pátio, durante o recreio e aulas vagas, em lugar das brincadeiras vieram os namoros... Fiquei sete meses na escola, quando vi que não ia mesmo passar de ano desisti... (Isabel – Meio Ambiente).

Depois desta desistência, Isabel retornou mais duas vezes à escola e conseguiu chegar até a sétima série, mas engravidou e não pôde mais estudar. Retornou bem mais tarde quando a filha já estava com 10 anos, desta vez no CEEBJA: “lá era para quem estava atrasado nos estudos assim como eu, era diferente, consegui terminar a oitava série” afirmou ela.

Os relatos dos egressos entrevistados, ao discorrerem sobre as razões da procura pelo PROEJA, revelaram uma diversidade de fatos. Porém, de uma forma geral, a maioria expressou as expectativas e esperança para conseguir emprego e melhoria de vida. Os motivos mais pronunciados em suas falas foram “ter uma profissão” e concluir o “Ensino Médio”. O fato de ser um curso integrado parece ter configurado um atrativo para muitos alunos.

No relato de Isabel, observamos que a procura pelo PROEJA foi para ter uma profissão e deixar o trabalho de doméstica. O fato de ser integrado despertou a sua atenção e a levou a fazer a matrícula.

Foi uma luz no fundo do túnel, uma área promissora, só se fala em meio ambiente hoje em dia. O aprendizado foi muito bom, a convivência com a turma melhor ainda... Tenho esperança de conseguir outro emprego nessa área e poder pagar um estudo bom para minha filha (Isabel – Meio Ambiente).

Seu objetivo era conquistar um emprego na área de meio ambiente, porém, até o momento da entrevista isso não havia se concretizado e ela continuava trabalhando como doméstica. Segundo Lahire (1997), o percurso escolar é determinado por muitas variáveis que impossibilitam determinar, *a priori*, as situações de sucesso ou fracasso do aluno. Essas variáveis fazem parte de uma rede de relações de interdependência e,

portanto, possuem características próprias. No caso de Isabel, podemos dizer que obteve sucesso em relação à formação, pois conseguiu concluir o curso e obter uma profissão. Porém, em relação à conquista de outro emprego, ainda não havia conseguido avançar.

A dupla contradição no que diz respeito ao emprego e à sua relação com os estudos está no fato de que ele está entre as principais causas da não permanência na escola e, ao mesmo tempo, do retorno a ela.

Essa situação, recorrente entre os jovens das classes menos favorecidas, constatada entre os egressos do PROEJA, nos leva a pensar que sejam cíclicas em determinadas faixas etárias, caracterizando um embate entre as condições que se apresentam e o desejo de integrar-se.

Com relação à continuidade dos estudos, verificamos que a maioria (66%) dos egressos pesquisados não teve oportunidade para dar continuidade a sua formação, após a conclusão do curso técnico do PROEJA, principalmente por motivos financeiros, conforme expressaram. Dentre os 11% que continuaram os estudos em nível superior, 5% estavam em cursos na mesma área da formação técnica e 6% em área diferente. Outros 21% informaram estar fazendo mais um curso técnico, em outra área e quase sempre na mesma escola. Outros 2% não manifestaram interesse em continuar os estudos, certamente por já estarem numa situação estabilizada de vida na qual o curso técnico é suficiente. (Tabela 1).

Tabela 1 - Continuidade dos estudos pelos egressos do PROEJA.

<b>Continuidade dos estudos</b>	<b>Números e porcentagem n=85</b>
Sim, curso superior na mesma área do curso técnico	5% (4)
Sim, curso superior diferente da área técnica	6% (5)
Não, o curso técnico proporciona o que preciso	2% (2)
Não. Não tive oportunidade	66% (56)
Outro curso técnico	21% (18)

FONTE: Dados coletados na pesquisa.

Ao discorrerem sobre a possibilidade de continuar os estudos em nível superior, alguns egressos mencionaram não se sentirem preparados para os vestibulares da universidade pública e gratuita, uma vez que o processo de seleção é bastante concorrido. Os vestibulares das universidades públicas, historicamente, contemplam uma visão conteudista e seletiva, que não favorece a entrada dos jovens e adultos que estudam em outra perspectiva. Dessa forma, são obrigados a buscar as universidades e faculdades particulares, com mensalidades altas, porém com maiores possibilidades de entrada. Conforme afirma Dubet (2003) “a discussão normalmente é sobre os efeitos e não sobre o cerne da questão, que são as relações de produção definidas pela produção de riquezas e as relações de reprodução nas quais a escola distribui escalonamentos e oportunidades” (p. 3).

Esse autor remete a questão para um plano maior onde está assentada a base do modelo social e econômico, a qual institui e direciona as ações da educação. Somados a isso, estão os mecanismos internos de exclusão na escola que contribuem para a exclusão fora dela.

Com relação aos egressos que continuaram estudando, observamos que cinco alunos eram do curso técnico em Eletromecânica, dos quais quatro estavam fazendo curso superior na área de Gestão de Processos Industriais e Tecnólogo em Mecânica e um o curso técnico em Eletrônica. Dois egressos de Enfermagem estavam fazendo um o curso técnico em Segurança do Trabalho e o outro, Instrumentação Cirúrgica. Duas egressas de Nutrição estavam fazendo curso superior em Fisioterapia e Processos Industriais e outra continuou os estudos em curso técnico em Enfermagem. Duas egressas do curso de Agente Comunitário de Saúde também estavam fazendo curso técnico em Enfermagem e um egresso de Administração cursava o ensino superior na mesma área técnica.

O maior impeditivo para a continuidade dos estudos em nível superior, segundo relataram os egressos, foi o fator econômico aliado à inadequação da formação no que diz respeito ao vestibular, o que não significa que seja uma formação minimizada, uma vez que não é esse o foco do PROEJA.

Ao observarmos a trajetória dos egressos, fica clara a perversidade que sofreram no sistema educacional por serem desconsideradas as desigualdades sociais que comportam. Esse fato teria interferido nas condições de aprendizagens e possibilidades de participação nos estudos. Porém, contraditoriamente, foram repetidos no PROEJA, não obstante os objetivos de criação desse programa que visarem o contrário.

Compreendemos, assim, que a percepção dos egressos sobre o contexto da formação, reafirma a formação/qualificação como instrumento de resolução dos problemas do emprego e de melhoria de vida. Essa percepção está na base do dispositivo de inserção social e profissional, cujos conceitos têm início no capital simbólico da própria família, da escola ou religião, na tentativa de reforçar o papel da retidão e bons costumes na luta honesta pela vida.

#### 4. A situação de emprego

Com relação à situação de emprego relatada pelos egressos, 68 (79%) estavam empregados com carteira assinada e 17 (21%) estavam desempregados. Das 57 mulheres que participaram da pesquisa, 42 estavam trabalhando e 15 estavam desempregadas, enquanto entre os 28 homens, 25 estavam trabalhando e somente 3 estavam desempregados. De acordo com Pochmann (2012), o desemprego tende a se concentrar nos segmentos mais frágeis do mercado de trabalho, que tradicionalmente contempla os mais jovens, em primeiro lugar, e também as mulheres, nesse caso em função da condição de reprodução e da possibilidade de engravidar, de modo que esses fatores as levam a ter maior restrição à contratação.

A ocupação mencionada pelos egressos nos seus relatos foi bastante diversa. Para termos uma visão geral das atividades de trabalho desenvolvidas foi necessário fazer alguns agrupamentos. Chamou-nos a atenção o fato de somente dez egressos estarem atuando na área da formação realizada. Desse total, um era técnico em Informática, outro era técnico em Construção Civil e os demais (8) eram técnicos em Enfermagem, o que demonstra o potencial de inserção desse curso em relação aos demais. Alguns egressos de Eletromecânica informaram que não estavam atuando na função técnica, uma vez que

não havia essa função no organograma da indústria, porém estavam atuando na área de formação em manutenção e como operadores. Duas egressas do curso técnico em Nutrição disseram atuar como merendeira e atendente de lactário e, portanto, na sua área de formação, mas não na função de técnico, embora realizem trabalho de tal porte, conforme Tabela 2.

Tabela 2 - Ocupação informada pelos egressos do PROEJA.

Ocupação	Nº
Agente de saúde	4
Encarregado de expedição / operador	8
Manutenção de computadores / Programador	3
Manutenção industrial /metalúrgico	5
Mestre de obras / pedreiro / eletricitista	6
Representante comercial / vendedor / ourives	5
Secretária / auxiliar de escritório	5
Serviços gerais / zelador / doméstica merendeira / dona de casa	14
Técnico em Enfermagem	8
Técnico em Construção Civil	1
Técnico em Informática	1
Autônomo	6
Não respondeu	19
<b>Total</b>	<b>85</b>

FONTE: Dados coletados na pesquisa.

Observamos que a grande maioria das funções ocupadas pelos egressos era do setor de serviços, o que corrobora os estudos realizados por Pochmann (2012), nos quais afirma que o setor de serviços é o responsável por cerca de 70% das ocupações geradas, devido à terceirização da economia. Segundo esse autor, “trata-se de uma nova configuração do mercado de trabalho que implica inclusive no surgimento de outra classe trabalhadora, submetida a graus de exploração mais sofisticados do que aqueles que vigoravam quando a indústria era o centro da geração dos postos de trabalho” (p. 23). Dessa forma, o aumento das frentes de trabalho formalizadas veio acompanhado pela ampliação das formas de exploração dos trabalhadores, principalmente na base da

pirâmide de trabalho, onde se encontram os menores salários, em torno do mínimo, e as piores situações de desigualdade social.

A remuneração mensal predominante entre os egressos entrevistados ficou entre um e dois salários mínimos (68%) (Tabela 3), o que condiz com o quadro geral de remunerações decorrente do aumento de emprego na base da pirâmide social (POCHMANN, 2012). Segundo esse autor, o aumento de emprego, embora com salários em torno do mínimo, significou uma ascensão da classe trabalhadora e a redução da pobreza absoluta.

Dentre os egressos que estavam empregados e com carteira assinada, dois afirmaram ter renda mensal de mais de quatro salários mínimos e dois a renda mensal inferior ao mínimo (Tabela 3). Os egressos que informaram receber mais de quatro salários mínimos são do curso de Eletromecânica. A remuneração mais elevada nessa área, ou na área de indústria de uma forma geral, pode ser explicada pelo alto nível de especialização exigido para a atuação, o que confere maior reconhecimento dessa área. Por outro lado, a renda mensal inferior a um salário mínimo foi informada por um egresso do curso de Agente Comunitário de Saúde e outro do curso de Administração, os quais justificaram a renda mensal inferior ao mínimo por cumprirem metade da jornada de trabalho.

Tabela 3 – Renda mensal informada pelos egressos dos cursos técnicos do PROEJA

Renda mensal	Números e porcentagens n=68
Até 1 SM	3% (2)
Acima de 1 SM até 2 SM	68% (46)
Acima de 2 SM até 3 SM	20% (14)
Acima de 3 SM até 4 SM	6% (4)
Acima de 4 SM	3% (2)

FONTE: Dados coletados na pesquisa. SM = Salário mínimo

Ao relacionar o salário mensal recebido com o gênero, observamos que a maioria dos egressos que disseram receber um e dois salários mínimos eram mulheres (31) e a minoria eram homens (15). Por outro lado, a renda mensal entre dois e três salários

mínimos apresentou uma inversão, as mulheres (5) foram a minoria e os homens (9) a maioria.

Assim, os dados mostraram que entre os egressos pesquisados, as mulheres estavam recebendo salários menores que os homens, apesar do mesmo nível de estudo e formação técnica.

Dentre os 68 egressos que estavam empregados e com carteira assinada, 43 estavam a menos de quatro anos no emprego e 25 já estavam no emprego antes de ter iniciado a formação. Com efeito, é evidente a influência da formação e dos diplomas no acesso ao emprego, embora não o assegurem, uma vez que antes de tudo terá que haver a vaga de emprego. Porém, os ganhos obtidos a partir da formação, para além do diploma, “compreendem o conhecimento e a qualificação para determinadas funções e a experiência de socialização na heterogeneidade dos coletivos” (DUBET, 2003, p 119). Nessa análise, a partir da formação realizada poderia haver uma contribuição à permanência no emprego ou a conquista de novo emprego mais relacionado à área de formação.

Ao discorrerem sobre a contribuição do curso para a aquisição de emprego, as opiniões dos egressos ficaram divididas entre ter ocorrido essa contribuição ou não. Porém, em alguns relatos podemos perceber de forma clara o não atendimento dessa expectativa, como os seguintes: - “não consegui nada ainda nessa área, mas foi bom. Apesar de tudo o ensino médio se adaptou ao técnico” (egresso - Informática). A referência favorável nesse caso parece ser direcionada ao currículo integrado, que compreende as duas formações e proporcionou aquilo que esse egresso buscava. O “apesar”, provavelmente seja por conta da não atuação na área específica.

- “consegui aprender algumas coisas e cheguei a fazer o projeto da minha casa. O problema é não conseguir emprego na área” (Otávio - egresso de Construção Civil). Nesse relato, ao mesmo tempo em que o conhecimento adquirido é percebido positivamente, também é mencionado como um problema o fato de não conseguir a inserção na área do curso.



- “Aprendi bastante, mas não o suficiente para trabalhar como técnica em meio ambiente” (Elimar – egresso de Meio Ambiente). Essa afirmação, embora favorável ao curso, deixa dúvidas quanto ao aprendizado adquirido, se não foi suficiente porque não levou ao emprego ou se não foi suficiente porque não preparou para atuar na área. De qualquer forma, admite ter havido aprendizado independente da sua inserção.

Ao ouvir os 17 egressos que estavam desempregados, os quais representaram 21% do total que participou da pesquisa, percebemos que elegem variados motivos para justificar o desemprego. Porém, o mais mencionado foi por não haver oferta de emprego suficiente. Em alguns casos, foi possível perceber o descontentamento em relação ao curso e a justificativa do desemprego pela deficiência da formação realizada. O motivo do desemprego relacionado aos filhos pequenos partiu de mulheres que precisavam cuidar dos filhos, pois nesse caso o emprego era opcional diante das circunstâncias familiares. Houve também a alegação de não se sentir preparado para atuar na sua profissão, revelando um sentido de impotência entre a formação realizada e a requerida pelo sistema produtivo, possivelmente fundada na falta de adequação entre formação e emprego, percebida pelos egressos.

Porém, a conclusão do curso técnico coloca o trabalhador numa categoria de profissionais com determinado nível de especialização e, por sua vez, com faixa salarial diferenciada, o que leva muitas empresas e instituições a não abrirem contratos nessa função. Tais fatos nos permitem entender isso como a razão provável do pequeno número de egressos que conseguiram inserção na área específica da formação técnica realizada.

## Conclusão

O desejo de se sentir integrado ao sistema impulsiona os sujeitos a buscarem estratégias que visam fortalecer ou manter a posição social, bem como alcançar os interesses e obter o reconhecimento. A estratégia representada pela formação do PROEJA apresentou sentidos relacionados à conquista de um novo estatuto social, assim

como a representatividade da mudança para uma situação mais estável, sem, contudo, promover mudanças significativas na condição financeira propriamente dita.

Os sentidos que os alunos egressos do PROEJA atribuíram a sua experiência de formação para o trabalho foram diversos, como: satisfação, realização, empoderamento pela conquista de melhores funções de trabalho e de condições de vida. Por outro lado também demonstraram a frustração por estarem desempregados, exercendo atividades de trabalho distanciadas da sua formação.

O capital cultural alicerçado no curso do PROEJA representou: a retomada de uma meta, antes impossibilitada; a superação da sensação de inferioridade causada pela ausência da formação; a conquista de algo que não estava disponível diante da situação desfavorecida social e economicamente. Significou (para alguns) mudar a lógica natural de uma cadeia de sucessão, entrar em contradição, desmobilizar o capital cultural herdado e as estruturas que direcionam as ações, além do sentido de estar em situação de igualdade no meio social, em condições de alterar a sequência da sua trajetória.

Os egressos entrevistados mostraram um perfil sociodemográfico feminino, na sua maioria com faixa etária entre 32 a 41 anos; dentre os alunos matriculados nos cursos, foram os de maior idade que permaneceram e chegaram à conclusão.

Com relação à situação de emprego, a grande maioria estava empregada, com carteira assinada e renda mensal em torno do salário mínimo, porém, não estavam atuando na área da formação realizada. Ocupavam postos variados do setor de serviços, os quais não exigiam a formação específica em nível técnico. A situação de emprego apresentada pelos egressos pode ser relacionada mais diretamente ao crescimento da oferta de postos de trabalho no setor de serviços, decorrente mais do quadro econômico vivenciado no país do que do curso realizado.

Com relação à continuidade dos estudos, somente 5% dos egressos estava cursando o ensino superior. Para a grande maioria, isso não foi possível devido à grande concorrência no processo de seleção das universidades públicas ou às altas mensalidades cobradas pelas universidades privadas, conforme relataram. Esse fato levou alguns

egressos a buscarem outros cursos técnicos na mesma escola, ou ainda em cursos de qualificação profissional.

A análise dos cursos, separadamente, mostrou que houve um diferencial para os cursos técnicos em Enfermagem, o que se observou tanto pelo fato dos egressos estarem empregados e atuando na área e na função de técnicos (grande maioria) quanto em termos de satisfação com a formação realizada.

Considerando as análises e interpretações a partir dos relatos dos egressos nas entrevistas realizadas, podemos dizer que o PROEJA caracterizou: a busca dos jovens e adultos trabalhadores por uma proposta inovadora, no sentido de resgatar o direito ao conhecimento; o acesso à escolarização e formação para o trabalho na perspectiva da integração do conhecimento; a continuidade dos estudos.

No entanto, foi possível constatar que a conclusão dos cursos não significou a conquista de emprego na área da formação, tampouco mudanças efetivas em termos de mobilidade econômica e continuidade dos estudos. Porém, apresentou sentidos e significados em relação ao acesso do capital cultural, sociabilidade, valorização própria e elevação da autoestima.

## Referências

ALMEIDA, A. **Um estudo do E no processo de implantação no estado do Paraná do PROEJA: problematizando as causas da evasão**. Dissertação (Mestrado em Educação) Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2008.

ANTUNES, R. **A crise, o desemprego e alguns desafios atuais Serv. Soc.** São Paulo, n. 104, out./dez. 2010.

ARROYO, M. G. **Da Escola Carente à Escola Possível**. 6ª ed. Loyola, 2003.

BOURDIEU, P. **Miséria do Mundo**. Editora Vozes. Petrópolis. 1993.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas**. 8. ed. São Paulo: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI. Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. **Decreto n. 5.154**, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do artigo 36 e os arts. 39 a 41 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Brasília: 2004.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.478**, de 24 de junho de 2005. Institui, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Brasília: 24 de junho de 2005.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.840**, de 13 de julho de 2006. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências. Brasília: 13 de julho de 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Documento Base** – Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Brasília: SETEC, 2007.

\_\_\_\_\_. **Lei nº. 11.741** de 16 de julho de 2008. BRASIL. Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

COLONTONIO, E. M. **O currículo integrado do PROEJA: Trabalho, Cultura, Ciência e Tecnologia em tempos de semiformação**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2010.

CORSO, A. M. **As representações do trabalho junto a professores que atuam no PROEJA: da representação moral do trabalho ao trabalho como auto-realização**. Dissertação (Mestrado em Educação) Setor de Educação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009.

DIEESE, Departamento intersindical de estatísticas e estudos socioeconômicos. 2012/2013. Disponível em <http://www.dieese.org.br/>. Acesso em 30/07/13.

DUBET, F. **A escola e a exclusão**. Cadernos de Pesquisa. n. 119. Julho, 2003.

HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002.

HOTZ, K. G. **Avaliação da implementação do PROEJA em municípios do Oeste do Paraná (2008-2009)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Campus de Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa mensal de emprego**. 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>, Acesso em 04/01/14.

INEP. **Resumo Técnico - Censo Escolar 2010**. Disponível em: [divulgacao\\_censo2010\\_revisao\\_04022011.pdf](#). Acesso em 22/03/13.

MACHADO, M. M.; OLIVEIRA, J. F. (Org.). **A formação integrada do trabalhador: desafios de um campo em construção**. São Paulo: Xamã, 2010.

MONTAGNE, M. A. **Biografia coletiva, engajamento e memória: A miséria do mundo**. Campinas, Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 21, n. 2. 2009.

MORO, G. A. D. **Do trabalho para a escola: Olhares de trabalhadores-estudantes e professores sobre as relações entre o saber da prática e o saber da escola**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2012.

POCHMANN, M. **Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2012.

YAMANOE, M. C. P. **Programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos (PROEJA): reflexões acerca do trabalho como princípio educativo**. Dissertação (Mestrado em Educação). UNIOESTE. Cascavel, 2011.